

3 VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

“... a fome de ler deve ser tratada como fome física, (...) o livro deve ser protegido, cultivado, melhorado e divulgado como a mais preciosa das necessidades básicas.”
(Ronald E. Barker e Robert Escarpit – *A fome de ler*)

A maior parte do mercado editorial nacional refere-se aos livros didáticos – em 2002¹ foram produzidos 74.380.000 exemplares, praticamente o dobro do que foi publicado no mesmo período em 2001 –, assim como uma expressiva parcela do consumo nacional de livros, indicando que o livro escolar, que é praticamente obrigatório e distribuído gratuitamente, é o único que a maioria das pessoas conhece. Terminada a escola, elas deixam de ter contato com ele.

Como mostra a pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil*², 28%, ‘só lêem para estudar’; 26% dos entrevistados declararam ‘só ler para o trabalho’; e 23% disseram ‘nunca ter pego um livro espontaneamente’. Apesar da imagem de importância e de valorização social que o livro tem em nossa sociedade, sua leitura, como se constata, é muitas vezes agregada à obrigação profissional ou educacional, criando barreiras ao incremento da leitura entre a população. O outro lado dessa moeda é a supervalorização do livro enquanto representante de um saber referenciado, incorrendo em sua sacralização e conseqüente afastamento de possíveis leitores.

Estudos identificam dois grupos de fatores críticos que influenciam no estabelecimento do hábito de leitura de um povo. O primeiro deles, dos *aspectos quantitativos* – preço do livro e acesso ao livro (distribuição, livrarias) – foi tratado no capítulo anterior. O segundo, dos *aspectos qualitativos* – ter nascido em uma família de leitores; ter passado a juventude em um sistema (incluindo bibliotecas) preocupado com o gosto pela leitura; e, o valor simbólico que a população atribui ao livro – será discutido neste capítulo. Tanto o viés informal (família), quanto o formal (escola) da formação de leitores serão ilustrados por depoimentos colhidos entre amigos leitores sobre suas “lembranças dos livros”.

¹ *Diagnóstico do Setor Editorial Brasileiro*, 2002.1, p. 4.

² *Retrato da Leitura no Brasil*, XIV – Mercado comprador, p. 67

Entretanto, num ou noutro caso,

são políticas bem definidas e continuadas o que permitirá uma mudança deste quadro crítico. Só um esforço conjugado de diversos segmentos sociais e de instituições públicas e privadas favorecerá o desenvolvimento de uma sociedade letrada.³

Porém, se cada um desses fatores for atacado isoladamente, o problema não será resolvido. As soluções devem ser simultâneas e coordenadas para que produzam os resultados esperados: aumento gradual do consumo de livros e ampliação da massa crítica de leitores.

³ Eliana Yunes, Prefácio a *As fadas estão mortas?*, de Marli Amarilha.

3.1 Da leitura

O ato de ler diz respeito a inúmeros objetos, sendo a leitura de livros a que suscita maiores discussões. Antes de abordar a questão da formação dos leitores é preciso refletir sobre o que é a leitura e sua recepção. Não pretendo, porém, me estender nesse tema, complexo demais para ser tratado adequadamente nos limites desta dissertação de mestrado; mas, é preciso fazê-lo constar destas ponderações.

O livro pode nos seduzir de três formas: pela aparência, pelo autor e/ou pelo conteúdo, e pelo significado que pode vir a adquirir em nossa vida depois que tivermos ultrapassado as suas páginas. Qualquer um desses motivos, sem escala de valor, é válido para que dele nos aproximemos. E a cada um corresponde, como propõe Maria Helena Martins⁴, um nível básico não-hierárquico de leitura: sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial é a leitura do *objeto* livro – seu formato, seu volume, as cores e imagens de sua capa, a textura de suas páginas, a qualidade de sua impressão, a respiração de seus blocos de texto. Em diversas ocasiões me bastou “dar de cara” com um livro para que eu fosse seduzida por ele, o prazer de ter aquele *objeto* e olhá-lo como a uma *peça em exposição* sendo suficientes.

Ainda na livraria, o segundo nível de sedução: a leitura de suas orelhas (que na verdade se dirigem às minhas, ao me contarem as primeiras histórias que devo saber para decidir se continuo ou não a me deixar seduzir), de sua contracapa, dos primeiros parágrafos. Se a história “me prende”, se viro a primeira página... fui capturada, preciso ler todo o resto. Compro o livro e mergulho nele, do qual só emergo depois de devorá-lo por inteiro, muitas vezes no mesmo dia.

Esta a leitura emocional, a “mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer”⁵, que está no cerne da ‘literatura de entretenimento’. Mas que não deve se restringir a ela. Assim como a *leitura sensorial* deve romper a barreira entre o objeto livro e aquelas pessoas que “nem chegam perto dos livros”, a *leitura emocional* deve desmistificar seu conteúdo como sendo apenas pragmático. É possível *se divertir* lendo um livro. É possível *ter emoções* lendo um livro.

⁴ MARTINS, *O que é leitura*, p. 38.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 49.

É possível *rir e chorar* lendo um livro. E é *permitido* fazê-los. Na leitura emocional está o que Roland Barthes⁶ denomina de ‘prazer do texto’: “jamais se desculpar, jamais se explicar”. Aqui não cabe a responsabilidade crítica: gostei? Continuo lendo. Não gostei? “Desviarei meu olhar, será doravante a minha única negação”⁷. Negar o olhar é o que Pennac⁸ defende como o primeiro direito que todo leitor deveria ter: o de não ler. E não ser julgado ‘menos humano’ por isso. Porque, de outro modo, a leitura vira obrigação e, a longo prazo, não seremos nós que rejeitaremos os livros mas seremos por eles rejeitados.

O ato de ler os livros não deveria ser gritado aos quatro ventos como a salvação da felicidade do homem, não acredito que seja assim. Não posso ler Camus ou Proust porque são clássicos e todos deveriam ler, mas sim se Camus e Proust forem um modo de viver para mim. Talvez nunca os leia e não serei pior por isso, importa que, conhecendo-os, eu os busque para uma conversa íntima, papo que rola e que, com certeza, como em toda conversa, serei levada a ver entre mim e eles pontos de contato e afastamento que me fazem existir, quer gerem atração ou repulsa.⁹

E assim, através da fala de Maria Luiza de Almeida Lucci, chegamos ao terceiro nível de leitura: a leitura racional, prática que pressupõe uma relação dialética entre o texto e o leitor, um e outro ativos na construção das referências de ambos; em intertextualidade. Ou, como afirma Maria Helena Martins¹⁰, “a leitura racional tende a ser perspectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões”.

Do ponto de vista da teoria do degrau, esse é o nível de leitura que a ‘literatura de proposta’ pretende causar, e ao qual se chega com a ajuda da leitura emocional da ‘literatura de entretenimento’. Bons exemplos de que essa tática funciona são as experiências de Daniel Pennac, na França, e de Luzia de Maria, no Brasil (Cf. 3.4 *Do objeto ao instrumento*).

⁶ BARTHES, *O prazer do texto*, p. 7.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ PENNAC, *Como um romance*, p. 139.

⁹ Maria Luiza de Almeida Lucci, *Quando as violetas*, p. 15.

¹⁰ MARTINS, *op. cit.*, p. 80.

3.2 Cesta básica

Diz Daniel Pennac, em seu belíssimo livro *Como um romance*¹¹, que se deve ensinar a ler às crianças para que elas desenvolvam a capacidade de julgar livremente até mesmo se sentem ou não a “necessidade de livros”. O prazer de ler, entretanto, não pode e não deve estar associado unicamente ao cotidiano escolar. Este deve ser o lugar onde se prolonga uma relação com os livros iniciada no meio familiar, ainda na infância pré-escolar, onde os livros têm o mesmo *status* dos brinquedos ou, como para Sartre, dos “animais domésticos”. Só assim a “necessidade de livros” se torna quase que uma necessidade física, uma fome que só o livro, alimento intelectual, consegue aplacar.

Vários autores localizam a criação do hábito de leitura em dois fatores principais: pertencer a uma família de leitores e ser alfabetizado em um sistema escolar comprometido com esse objetivo. No primeiro caso, entretanto, como bem acentua Sonia Rodrigues Mota¹², “não basta oferecer à criança livros em quantidade para que se promova a leitura na família. Serão leitores, naturalmente, aqueles que perceberem a leitura como elemento essencial ao ambiente em que vivem.” Com o intuito de corroborar esse argumento, realizei uma pequena enquete¹³ entre amigos leitores. Eis algumas deliciosas lembranças de infância:

De: "**Luciana Figueiredo**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Aqui em casa tem muitos livros, meus pais sempre estudaram muito. Eles também levavam a gente a lançamentos, bienais, essas coisas. Tenho livros autografados dessa época até hoje. Lembro do meu pai lendo jornal, muito jornal.

De: "**Bel Borja**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

O livro é um objeto presente na minha vida desde que me lembro de existir. Meus pais sempre leram muito e sempre houve uma boa biblioteca em casa. E durante muito tempo, eu, tolinha, achei que toda casa tinha uma. Aliás, a primeira palmada de todo mundo lá em casa foi por rabiscar ou "maltratar" um livro e isso não parece ter traumatizado ninguém. Todo mundo gosta de ler.

¹¹ PENNAC, op. cit., p. 145.

¹² MOTA, *A família e o leitor*, p. 6.

¹³ Os depoimentos são apresentados na íntegra em *Anexos*.

De: "**Gisele Nery de Andrade**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Comecei a ler por influência total e direta dos meus pais. Desde pequena (bem pequena mesmo, um ano, dois anos) meu pai comprava o jornal para e ele e, quando sentava para ler, separava uma parte e me dava. Eu ficava lá, deitada no chão, de bunda para cima, com o queixo nas mãos, "lendo". Eu achava mesmo que estava lendo. Sempre tive muito contato com os livros. A intimidade era tanta que me servia deles nas brincadeiras. Uma vez, guerreando contra minha irmã, construí uma fortaleza para mim com as enciclopédias Barsa.

De: "**Nélida Capela**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Quanto ao hábito da leitura, lá em casa foi uma coisa engraçada. Minha mãe sempre comprou muitos livros para a gente. Livros de contos de fadas, fábulas chinesas, mitologias, aquelas coleções educativas com ensino de comportamento, matemática, geografia e outras ciências. (...) No começo disse que era uma coisa engraçada, digo isso porque meus pais não gostam muito de ler, mas nos propiciaram um mundo de leituras. Eu só tenho a agradecer por isso. O hábito que começa em casa, com certeza, é mais prazeroso.

De: "**Angélica Hatherly**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Cresci sempre estimulada e cercada por livros, pois minha mãe é educadora infantil e meu pai sempre foi estimulado a ler por seu pai, meu avô. (...) Crescemos cercados por livros de literatura infantil, Monteiro Lobato, Irmãos Grimm e todos os clássicos literários do gênero. Aprendi a gostar de mitologia grega desde criança com as estórias que mamãe contava para nós entre as brincadeiras de amarelinha, elástico, bola de sabão e queimado. Ser criança foi aprender a brincar e a encontrar na literatura a possibilidade de criar a partir da imaginação.

De: "**Maurício Maldonado Peltier**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Na mesa de cabeceira de meu avô paterno - uma remota lembrança de criança - tinha livros. Livros de história, política e muitas biografias (depois soube que os sujeitos retratados eram Victor Hugo, Marx, Melville, Baudelaire, Flora Tristán, Van Gogh, Cézanne, Velásquez e Mao). Na mesa de cabeceira de meu pai - peruano - e na da minha mãe - brasileira -, eram livros de arquitetura, arte, muitos romances e poesia.

De: "**Marília Barcellos**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Outro dia ainda estava pensando sobre isso e lembrei que minha mãe, como grande parte das professoras de ensino fundamental do Estado, adorava comprar coleções na escola. Acho que naquele tempo as sacoleiras de roupa ainda não tinham descoberto esse mercado, portanto livros como "O mundo da criança" e enciclopédias como a "Caldas Aulete" circulavam pelas escolas. Minha mãe era professora de educação infantil e levava para casa material muito colorido, cheio de atrações para mim. Desse modo, eu tive contato com o objeto livro desde muito pequena, tipo três ou quatro anos.

De: "**André Luis Hatherly**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Sempre "sofri" as influências do meu pai e do meu avô Oscar no sentido de ler muito (...).

De: "**Maria Alice**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Nasci e cresci numa casa sem livros, onde o que se lia eram muitas revistas (meu pai era barbeiro e comprava para os clientes no salão *Cruzeiro, Manchete, Fatos & Fotos* etc.). As revistas eram lindas e eu gostava de olhá-las. Quando queria saber alguma coisa a mais, perguntava às minhas irmãs e ao meu irmão para lerem pra mim. Via meus irmãos estudarem nos livros de escola, principalmente minha irmã mais velha que andava de um lado para outro, com o livro aberto na mão, lendo alto e repetindo muitas vezes o conteúdo de suas aulas. (...) Como era a mais nova e queria saber tudo que eles sabiam, tinha muita vontade de aprender a ler.

Das trinta solicitações que enviei por e-mail, obtive 14 respostas. Em nove delas, a confirmação: o exemplo do pai e/ou da mãe ou – como no depoimento acima, do núcleo familiar – como fundamental na formação desses leitores.

O hábito de leitura (...) é uma atividade que se inicia no núcleo de educação informal que é a família e encontra sustentação na vida comunitária. A escola contribui para sedimentá-lo, mas não para lhe dar projeção na vida do indivíduo.¹⁴

Se a instrução é um fator predominante para os hábitos de leitura, se o número de leitores cresce com o nível de instrução, convém chamar a atenção para o fato dos hábitos de leitura dos pais influenciarem a atitude dos filhos. Assim, quando os pais lêem, sobe o nível de leitura dos filhos (...).¹⁵

Assim como o contato com os livros, também a oralidade é a base da leitura, pois “mais do que ler, essas crianças serão capazes de criar sonhos, histórias, desenhos, máquinas, maneiras de reagir ao mundo e, se necessário, defenderem-se dele. Terão um acervo interno adquirido na leitura (...).”¹⁶

De: "**Teresa Bastos**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Desde criança gosto de ouvir histórias. Como venho de uma família de seis irmãos, não era todo dia que a minha mãe estava disponível para me contar histórias, como eu sempre estou para o meu filho. Às vezes era ela que contava, outras tantas, a minha Mãe Preta. Não tinha idéia, na época, do que essa alternância representava, mas percebia a diferença. Apesar de gostar das histórias da Mãe Preta – que sempre eram diferentes da minha mãe – ficava incomodada com uma coisa: quase sempre ela contava as histórias até a metade e não terminava. (...) Mas as histórias contadas pela minha mãe eram ricas de detalhes, com princípio, meio e fim. A voz dela era doce e delicada, e me conduzia para um outro território.

¹⁴ Carlos Alberto Medina (Medina, 1975, p. 22), citado por MELO, *Estado de leitura*, p. 73.

¹⁵ MELO, *ibidem*, p. 72.

¹⁶ MOTA, *op. cit.*, p. 6.

De: "Angélica Hatherly" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Ser criança foi aprender a brincar e a encontrar na literatura a possibilidade de criar a partir da imaginação.

O estímulo da leitura a partir da infância é de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual e emocional do indivíduo, pois é determinante em sua formação de opinião, capacitando suas potencialidades e possibilitando sua ampliação a respeito do mundo que o cerca.

De: "Bel Borja" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

(...) havia lá em casa uma antologia de poesias para crianças que fazia a festa em algumas tardes de sábado. De vez em quando, a gente se reunia na sala com os meus pais para ler algumas. Todo mundo tinha uma preferida e todo mundo (exceto eu, até aprender a ler) lia um pouco. Era uma espécie de sarau familiar que misturava o prazer de ler, com o prazer de estar junto e de afirmar as diferenças de cada um. A minha preferida era "Irene", do Bandeira, a da minha irmã mais velha era "Andorinha no fio", a da segunda, "Cabiúna", do Ribeiro Couto, se não me engano. Ler era uma coisa que a gente fazia pra se divertir e, também, uma coisa que a gente achava importante, porque não se interrompia alguém que estava lendo, o meu pai lia quando estava trabalhando e minha mãe lia de madrugada, com um lenço em cima do abajur e da própria cabeça, para não acordar meu pai.

No que diz respeito a *ser alfabetizado em um sistema escolar comprometido com o objetivo de criar o hábito de leitura*, é importante ter em mente as considerações de José Paulo Paes¹⁷,

Como se sabe, os estudantes de primeiro e segundo grau são atualmente compelidos a ler, além dos manuais didáticos, livros de ficção de autores nacionais, a fim de desenvolver o gosto pela leitura. Abriu-se desse modo um amplo e promissor mercado. Pena é que ele tenha nascido sob o signo negativo da obrigatoriedade. Para que o prazer da leitura firme raízes e continue a ser cultivado pela vida afora, é de boa política não o atrelar, de saída, à esfera dos deveres escolares. Parece-me um erro de estratégia querer cobrar dos estudantes respostas a questionários de leitura ou dissertações sobre aspectos das obras lidas. Isso os predispõe negativamente para o desfrute do livro, degradando o prazer em obrigação. Tudo quanto competiria ao professor seria assegurar-se de que o livro foi mesmo lido e ajudar o estudante a esclarecer eventuais dúvidas de compreensão quando ele espontaneamente as comunicasse. O mais seria contraproducente. Há que confiar no silencioso poder de sedução do livro.

Este "silencioso poder de sedução" pode ser anulado se o leitor só vier a ter seu primeiro contato com o livro quando entrar para a escola e, com isso, passar a associar a leitura a esse contexto. Se o trabalho escolar for pouco atraente, ele pode vir a adquirir aversão pelos livros e abandoná-los completamente assim que

completar sua alfabetização. Como antídoto, a professora Luzia De Maria¹⁸ defende, assim como Paes, o prazer como forma de aproximar o leitor do texto:

O mais importante não é a leitura forçada de um livro até o final, mas que o leitor iniciante possa ter a possibilidade de encontrar um texto que seja de seu agrado, um texto que o fisgue, que o envolva e que, através dele, possa o leitor enriquecer sua visão de mundo, discutir a sua própria realidade e exercitar o seu olhar sobre ela, ampliando seu conhecimento a partir do texto lido; enfim, que haja espaço para o desejo do leitor, que ele possa de fato ser sujeito de sua leitura.¹⁹

Grande parte das pesquisas aqui estudadas, senão sua totalidade, foi realizada com o objetivo de averiguar *o que* as pessoas lêem, de descobrir o que elas gostam de ler, isto é, de identificar *o gosto dos leitores*. Mas faltam elementos para o estudo da etapa seguinte ao da identificação do gosto: além de saber *o que* é que as pessoas lêem, também é preciso ter conhecimento do *como e por quê* o fazem. O ato de ler deve despertar o mesmo interesse que o texto lido.

Idade, classe econômica e nível de escolaridade são elementos de influência, se bem que nem sempre de maneira direta. A maneira de ler depende muito mais do modo de viver de cada um. Entre alguns dos obstáculos, a falta de tempo é geralmente o principal pretexto para não ler de 39% da população brasileira²⁰. Mas o que se esconde por trás dessa desculpa – já que ‘tempo para ler’ é algo que se faz, não que se tem – é a pouca familiaridade das pessoas com o livro. Ou, como resume Pennac²¹, “a partir do momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque a vontade não está lá. Porque, se pensarmos bem, *ninguém jamais tem tempo para ler*. (...) A vida é um entrave permanente para a leitura.” A vontade de ler, felizmente, não é algo com o qual se nasce. É um bem adquirido. E que se perde se não for cuidado.

A idade em que se costuma abandonar a leitura varia; quanto menos se frequentou a escola, mais cedo isso ocorre. Sem dúvida, os estudantes são os leitores mais frequentes – o público com ensino médio é o maior mercado leitor (10 milhões de pessoas)²², mas, uma vez completados os estudos, eles também correm o

¹⁷ PAES, op. cit., p. 37.

¹⁸ De MARIA, *Leitura & Colheita*, p. 20.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 52.

²⁰ “Brasileiro não encontra prazer na leitura”, in jornal *Folha de S. Paulo*, 14/07/2001.

²¹ PENNAC, op. cit., p. 118.

²² *Retrato da Leitura no Brasil*, XIV – Mercado comprador, p. 45.

risco de se tornarem não-leitores. A questão da não-leitura aparece então na vida adulta, sobretudo entre jovens adultos, que são mais sujeitos ao “analfabetismo técnico” pela insuficiente prática de leitura. É um acontecimento muito comum. A leitura, atividade cultural desenvolvida na infância e na adolescência dentro do sistema educacional, é comumente abandonada pela ausência de qualquer forma de suporte pós-escolar. Como bem ressaltam Escarpit e Barker²³:

(...) a fragilidade dos hábitos de leitura tem causas mais remotas, que recuam à infância pré-escolar. É provavelmente nessa idade que se formam as atitudes fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez quando entra para a escola costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passe a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas.

Em contrapartida, se a escola possibilita aos alunos uma experiência prazerosa de contato com os livros, eles podem vir a se tornarem leitores permanentes.

De: "**junior**" [Gutenberg Jr.] PARA: "Eliane Hatherly Paz"

(...) apesar de ter uma verdadeira casa-biblioteca, foi na escola que me lembro ter sido oficialmente, apresentado a eles.

Lá pelos meus 9 ou 10 anos, a minha professora primária fez uma gincana com os alunos. Quem lesse mais livros durante os meses de aula, ganharia um presente no final do ano. Me lembro de ter lido toda a obra de Monteiro Lobato (*Sítio do Pica-Pau Amarelo*), Saint-Exupéry (*O Pequeno Príncipe*), José Mauro de Vasconcelos (*Meu Pé de Laranja Lima*) entre outros tantos autores que faziam o imaginário da minha infância aflorar.

Na gincana fiquei em terceiro lugar. Meu prêmio? Um livro, assim como os dois primeiros colocados. Lembro-me ainda do título deste meu prêmio literário *História do Brasil para Crianças*, de Ladmo Valucce. A história oficial do nosso país e seus heróis num linguajar infantil, de fácil assimilação. Cheia de aventuras e informação.

Esta leitura infanto-juvenil foi muito importante para desenvolver meu lado de escritor, pois na imaginação dos outros, pude estimular a minha. Vi que com as letras lidas, eu podia criar as minhas escritas.

Hoje, por força da profissão (sou jornalista) e por estar viciado na leitura, devoro cada obra que me cai na mão. Cometo até a overdose literária que condenava antigamente em outros leitores, a de ler dois livros ao mesmo tempo.

²³ *A fome de ler*, p. 122.

De: "**Maurício Gaetani**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

No meu caso, acredito terem sido a escola e minha mãe as primeiras influências com relação à leitura.

A escola primeiro, forçando as pobres crianças a lerem aqueles clássicos brasileiros, e de vez em quando, aplicando castigos que consistiam em copiar, por exemplo, os dois primeiros capítulos de *Olhai os Lírios do Campo*. Mas o fato é que, mesmo em meio a essas leituras forçadas, de repente, num Machado de Assis, eu ia descobrindo novos universos, traduções e espelhos pros meus próprios sentimentos. Aí começava a gostar.

Paralelo a isso, minha mãe volta e meia me apresentava algum romance também da sua adolescência e a partir daí, já com algum gosto pela leitura, eu me aventurava a lê-lo sempre que encontrasse ali algumas respostas ou perguntas parecidas com as minhas.

E acho que foi isso. Com o tempo os amigos também iam me apresentando uma coisa ou outra e aí vinha a descoberta de mais um autor, poeta, parágrafo ou poema.

De: "**Maria Alice**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

(...) Quando chegou a minha vez, fui na escola, comprei minha *Cartilha Caminho Suave* e, em tempo recorde, aprendi a ler e escrever. Daí em diante, lia tudo que encontrava, em revistas, jornais, livros, cadernos, até bula de remédios. Logo, logo, passei a ser a leitora das cartas que minha mãe recebia e a escritora das cartas que ela ditava. Como tinha professoras muitas boas e pacientes, sempre ia aprendendo palavras novas e apurava minha leitura com os textos dos livros de escola que eram muito bons. Como gostava de declamar poesias, ia todos os domingos na "Rádio Clube de Garça", no programa "A hora do guri", declamar uma poesia por semana. Todo mundo que nos conhecia entregava livros de poesia para eu ler e declamar. Foram muitas, muitas. Como eu devia ser "engraçadinha" declamando, virei notícia na cidade e todo mundo elogiava a minha "capacidade" de decorar coisas tão difíceis que, claro, foram se tornando cada vez mais difíceis. Um dia, para explorar o prodígio, meu professor de português me deu *O Navio Negreiro*. Li, gostei, decorei e declamei.

(...) Com 18 anos, fui a introdutora da primeira coleção de livros na minha casa: a *Enciclopédia Britânica*, aquela dos bons tempos. Meu pai ficou escandalizado com o tamanho e disse que uma casa pequena como a nossa não precisava de tantos livros assim.

De tudo isso se pode concluir que a passagem da não leitura para a leitura é em geral, e principalmente, uma questão de organização institucional: família, escola, governo, empresas. De fato, o estímulo à leitura na escola é o fator mais importante na criação e no cultivo de um público para o livro brasileiro. Desenvolver uma boa rede nacional de bibliotecas, escolares e públicas, onde juntamente à implantação de sua infra-estrutura e da distribuição de livros sejam postos em prática bons programas de estímulo à leitura e à cultura geral, impulsionará a criação de um enorme mercado para o livro, no presente e no futuro.

3.3 Casas de leitura

Qual é o papel da biblioteca na superação da crise da leitura?

Todos os envolvidos com essa questão concordam: não pode haver desenvolvimento da leitura sem um sistema adequado de bibliotecas públicas. Em 1998, elas eram 3.896. Em 2002, 4.800 – 904 unidades a mais, ou 226 por ano; um crescimento de apenas 12% no período. Com 5.507 municípios, o Brasil ainda não possui uma biblioteca em todos eles. O déficit é maior do que as aparentes 707 unidades, já que a distribuição é desigual – São Paulo possui 60 bibliotecas públicas em sua capital, por exemplo.

A baixa presença de bibliotecas e seus serviços geral e lamentavelmente deficientes em todos níveis inibem o acesso ao livro no país. É aí que se instala a fome. Para que o leitor chegue ao livro é preciso que o livro esteja ao seu alcance.

Não há uma quantidade específica de bibliotecas que um país deva colocar ao alcance de seus habitantes, mas alguns estudos indicam números razoáveis na relação biblioteca pública/população. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Associação Americana de Bibliotecas sugere que, nas cidades, um leitor não precise caminhar mais do que quinze minutos da sua casa à unidade mais próxima²⁴.

Segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Cultura²⁵, mesmo se toda a rede de bibliotecas públicas do país for revitalizada e seus acervos forem atualizados, estaremos muito aquém do que necessitamos para atingir o nível ideal de uma rede, ou seja, algo em torno de 10 a 15 mil bibliotecas públicas.

Para o mercado editorial, as bibliotecas públicas respondem por parcela expressiva da demanda de livros. Através das compras governamentais elas fazem os exemplares chegarem às mãos dos leitores que não têm como adquiri-los, seja por causa do seu preço ou pela ausência de uma livraria. Se no exterior elas representam entre 10% e 80% (caso dos livros universitários) da produção, no Brasil as compras feitas para as bibliotecas públicas são insignificantes, constituindo apenas 1% do faturamento global desse mercado.

²⁴ “Biblioteca pública e cidadão, um raro encontro”, in *www.jt.com.br*, 04/12/1999.

²⁵ Citada por Ottaviano de Fiore di Cropani em “Livro, biblioteca e leitura no Brasil”, 1998.

Mas a ampliação da rede pública de bibliotecas não deve se restringir apenas ao número de unidades instaladas e de livros comprados. Para que a ‘caixa de livros’ não se transforme em um depósito passivo são primordiais investimentos na qualidade e na variedade dos acervos, no acesso e no incentivo do público à formação.

(...) é preciso que a biblioteca – não mais apenas depósito, mas também centro de distribuição – abra-se para o público e atraia gente para os livros. Isso só pode ser conseguido estando ela presente em locais onde as pessoas se reúnem e convidando-as a ler – a ler e a falar. A biblioteca não pode mais ignorar nenhuma das linguagens utilizadas pela comunidade humana: as linguagens tradicionais que envolvem a palavra falada, o gesto ou a imagem, ou as novas linguagens dos meios audiovisuais.²⁶

É urgente redimensionar, também, a atuação profissional dos bibliotecários, e rever sua responsabilidade educativa no processo de formação do leitor:

É preciso romper o autoritarismo, tanto da instituição quanto dos profissionais que ali servem. A biblioteca não pode continuar a ser uma entidade de mão única, onde o bibliotecário tem poder sobre o conhecimento ali estocado e concede o seu uso aos leitores.²⁷

Pelo contrário. A “dinamização da leitura” deve ser a palavra de ordem do trabalho biblioteconômico. Até que

(...) [a] Biblioteca, concretizada no livro, na história, como espaço de prazer, elemento comum ao universo infantil, constante em sua vida tanto quanto a boneca, o animal de estimação, o amigo (do real-realidade ou do real-imaginação), o desenho, o sonhar, a bruxa, a fada, a princesa, o dragão, o castelo, o olhar da professora, o campo de futebol, a torre, a lata de biscoitos na prateleira do armário, a caixa de segredos-lembranças da vovó, o bigode cosquento do papai, a lagartixa-com-o-rabo-amarrado-na-caixa-de-fósforos, o rubor na face, o choro, o guarda-chuva-espada-mágica do vô, o acalanto, o rir, a árvore proibida no quintal vizinho, o estar quieto no seu canto, o grito, o medo, o regaço da babá, a ausência, o ronco no estômago, os labirintos, o bater do coração, as histórias na voz da mamãe...²⁸

Ou até que o leitor se sinta, enfim, em casa:

De: "**Maria Alice**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Freqüentei muitas bibliotecas e sempre recebi ótima orientação das bibliotecárias. Algumas delas me tratavam como pessoa da família, pois eu ia muitas vezes por semana lá.

²⁶ ESCARPIT e BARKER, op. cit., p. 143.

²⁷ MELO, op. cit., p. 91.

²⁸ Nanci Gonçalves da Nóbrega, *A caverna, o monstro, o medo*, p. 14.

No Brasil, não foram poucos os programas de apoio ao livro e políticas de incentivo à leitura formulados pelo governo. Todavia, tímidos, desestruturados e descontinuados, não conseguiram efetivar e manter a conquista do leitor que cultivou um afeto espontâneo e de definitiva intimidade para com a leitura.

• *Proler*

Nesse meio-tempo, programas como o Proler, criado pela Fundação Biblioteca Nacional e calcado na opção de “criar uma política a partir da prática”, além de dar apoio à leitura “decidiu tornar visível e acessível ao público esta opção, instalando a *Casa da Leitura*, dedicada a uma disseminação sistemática do prazer e da importância de ler”²⁹.

A estratégia contida na política nacional de leitura apresentada pelo Proler, com cinco pontos básicos, visava a “formação permanente de leitores, a organização de uma rede de informação sobre leitura, a dinamização e ampliação de acervos, a valorização social da leitura nos meios de comunicação e a avaliação continuada”³⁰, como fundamentação para uma política governamental em parceria com entidades civis.

Ciente da importância da formação e da informação de leitores/mediadores o Proler mantinha uma biblioteca especializada em leitura, além de outra com acervo de obras de ficção e para crianças.

Nas bibliotecas da *Casa*, o tratamento biblioteconômico se reveste de uma proposta lúdica e orientada pelas bibliotecárias, a criança é levada, desde cedo, tanto a manejar fichários correspondentes, como a perceber direitos e deveres dos usuários de bibliotecas.³¹

Também promovia palestras, seminários para pais, professores e bibliotecários, visando a uma nova pedagogia da leitura – a da “desescolarização das práticas leitoras” –, estendendo-a e relacionado-a às artes plásticas, ao cinema, ao noticiário, à música etc.

²⁹ Eliana Yunes, *A promoção do livro e da leitura no Brasil*, Evento Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa Niterói, 4 de março de 1994.

³⁰ Idem, *Uma política de leitura segundo a experiência* - Brasil: 1992-1996.

Nos cinco anos em que esteve atuante, arregimentou pesquisadores, estudiosos, autores e leitores e “organizou cerca de 90 comitê regionais de promoção da leitura, envolvendo quase 600 municípios com população entre 25 mil e 250 mil habitantes e mobilizou 30 mil agentes de leitura”³².

As discussões englobavam desde quais ações teriam maior efeito, e por quê, na implementação da leitura, até como tornar a leitura uma prática de constituição de sentido que forme consciências críticas e fortaleça a cidadania, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país, passando por como despertar o interesse pela palavra escrita através de diferentes formas de leitura.

Eliana Yunes conta que o programa foi bruscamente interrompido em julho de 1996, e posteriormente burocratizado, caindo em um esquema tecnocrata e homogeneizado. Felizmente, “muitos núcleos seguiram com a proposta independente e mantiveram laços com consultores da linha original”³³.

Nanci Gonçalves da Nóbrega³⁴, em texto sobre suas reminiscências de leitora para a coleção *Ler & Fazer* do Proler, descreve uma biblioteca imaginária onde “estantes arranha-céu” contendo pesados volumes aprisionados em lombadas austeras são guardadas por um dragão que cospe fogo a cada ‘shhhhhh’ de reprovação por se ter perturbado o silêncio. Longe de ser um pesadelo, esta poderosa e triste imagem povoa a lembrança de muitas pessoas, não só crianças, para quem a biblioteca representa não mais que um amontoado de livros empoeirados e inúteis.

De: "Teresa Bastos" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Entreí então no segundo ano primário e fiquei felicíssima porque teria aula de leitura na biblioteca da escola. Nunca tinha ido a uma biblioteca e achava que teria muitos livros, um mundo de livros à minha disposição. (...) Sonhei muito com a aula da biblioteca. Que decepção logo no primeiro dia! A biblioteca ficava no porão da escola. Havia cheiro de mofo por toda parte e pouquíssimos títulos. Os livros eram quase todos velhos e rasgados. As crianças não ficavam caladas e a professora largava a gente lá e ia conversar no corredor. Havia um grupo de leitura, que não me lembro bem como era, que tentei participar durante as aulas, acho que a professora deve ter juntado os meninos que pareciam que gostavam mais de ler para que conse-

³¹ Nilma Gonçalves Lacerda (Consult.), *Casa da leitura: presença de uma ação*, p. 25.

³² Eliana Yunes, *Uma política de leitura segundo a experiência* - Brasil: 1992-1996.

³³ Idem, *ibidem*.

³⁴ NÓBREGA, op. cit., p. 5.

guissem ler alguma coisa. No final, pedia pelo amor de Deus para acabar aquela aula.

De: "**Gisele Nery de Andrade**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

(...) E no Pedro II do Engenho Novo não tinha biblioteca. Tinha, mas estava em obras. Ninguém podia usar, porque estava cheio de infiltrações, o livro mofado em pilhas sobre as mesas e alguns outros desfolhados, espalhados pelo chão.

(...) A biblioteca da faculdade é paupérrima. Coitada. Velha, suja, poucos livros velhos, sujos e despedaçados. Foi muito difícil para mim lutar contra minha alergia à poeira para ler.

É também Nanci quem sugere a fórmula para que esse feitiço se quebre e a biblioteca venha a ser habitada por mágicos objetos chamados livros. A palavra “prazer” reaparece, desta vez ampliada para o local onde se dá o encontro com a leitura. Não só o prazer pode ser intelectual, como deve ser visual. Proporcionar um ambiente acolhedor, curioso e lúdico aos pequenos, médios e grandes leitores em muito ajudar a promover essa (re)aproximação.

De: "**Maurício Maldonado Peltier**" PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Estudava em um colégio alemão e foi assim que alguns livros infantis da bela biblioteca escolar vieram somar-se ao caótico e silencioso prazer de ler. Fábulas e pequenos contos em edições primorosas, feitas por alguma Verlag civilizadíssima de Munique ou de Frankfurt. Um vasto prazer.

3.4 Do objeto ao instrumento

São apenas dez páginas. Mas que dez páginas! Nelas está contida a receita para se criar efetivos leitores. Luzia De Maria narra em “Leitura: uma concepção política”³⁵ o belo trabalho que desenvolveu com seus alunos de Língua Portuguesa e Literatura em turmas de ensino médio em uma escola pública no final da década de 1980. O relato emocionado e emocionante me faz pensar em como as soluções simples são sempre as melhores, em como o compromisso com a integridade e a ética pessoal gera resultados que ultrapassam o mero programa a ser cumprido.

Seguindo os passos de José Paulo Paes, a experiência de Luzia De Maria comprova que a “teoria do degrau” realmente funciona na prática, e que é possível, através da ‘literatura de entretenimento’, aproximar os alunos da ‘literatura canônica’, fazendo-os desenvolver, além disso, seu senso crítico literário e social.

Vamos à experiência: a partir da proposta de uma leitura diversificada, que não fosse atrelada unicamente a um ‘estudo da literatura’ nos moldes do programa escolar, Luzia De Maria iniciou por romper com a obrigatoriedade de um mesmo título para todos os estudantes. E a isso acrescentou a liberdade de escolha de seus alunos, com os quais passava o primeiro mês letivo a elaborar a lista de leitura. Entretanto, para que cada livro fosse aceito, era necessário que o aluno agisse em sua defesa, apresentando-o cuidadosamente através de comentários de seus pontos altos, perfis dos personagens e até mesmo da leitura de passagens mais significativas. Ao final dessa etapa, cada aluno adquiria um dos títulos que comporia uma ‘biblioteca’ da turma. Luzia credits a essa etapa o sucesso de sua empreitada: era aí que o entusiasmo se instalava, na promessa de uma leitura antecipadamente memorável; era nesse momento em que o vírus da “doença da leitura” era inoculado em seus alunos que ela aproveitava para lhes ensinar literatura.

A lista de títulos chegou a abarcar, segundo a autora, desde *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, *O analista de Bagé*, de Luis Fernando Verissimo, e *A casa dos espíritos*, de Gabriel García Márquez; passando por *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, *Olga*, de Fernando Morais, e *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro; até chegar a José de Alencar, Machado

³⁵ De MARIA, op. cit., pp. 55-64.

de

Assis, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e demais autores determinados pelo programa.

É importante que os alunos sintam que a literatura não se restringe aos clássicos que já conquistaram seu espaço nos manuais de História da Literatura, mas que é uma produção social e histórica, que dialoga com o nosso tempo, registra o que somos nós hoje, não apenas enquanto homens, mas também enquanto brasileiros (...).³⁶

Ao final do ano letivo, para surpresa da autora, a maioria dos alunos havia lido de 40 a 50 obras; outros chegaram a 70, em uma expectativa oficial de leitura de cinco a dez livros por bimestre. Uma de suas turmas elaborou uma lista com 165 livros em circulação entre os estudantes. O trabalho sistemático da leitura ficava a cargo de um caderno de resenhas, posteriormente comentadas pela professora, onde cada aluno devia expressar sua opinião sobre os textos lidos. A experiência era enriquecida com a discussão de material jornalístico, como suplementos literários, e até mesmo com os autores, convidados por Luzia.

Era minha preocupação, também, inserir títulos que atraíssem os alunos mostrando a eles que a literatura está viva, ao nosso lado; que, como manifestação artística que é, reproduz criativamente o real e nos proporciona um instrumental crítico que nos habilita a melhor interpretar o mundo à nossa volta. Lembro, mais uma vez, que o trabalho se norteava, sempre, pela questão da formação de leitores e não pela preocupação com o conhecimento sistemático de literatura, como usualmente é feito nos cursos secundários. Em vez de se “estudar literatura”, o que essa proposta visava era que os alunos tivessem uma experiência de mergulhar na literatura, que convivessem de perto com ela, que entrassem em diálogo com ela. Em minha opinião, assim seria alcançado um verdadeiro conhecimento da literatura. Acho que não me enganei.³⁷

O método de trabalho de Luzia De Maria, repleto de sua “subjetiva paixão pelo livro”, comprova que só um *leitor* faz do outro, *leitor*. Ao proporcionar aos seus alunos lições de leitora apaixonada Luzia tornou familiares obras desconhecidas, as integrou, por um viés inovador, aos seus mundos e facilitou sua receptividade. E assim, ao afastar antigos temores e preconceitos, ao enriquecer a relação

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 58.

³⁷ Idem, *ibidem*, pp. 57-58.

dos jovens com a literatura através de experiências inéditas, incorporando-a ao seu cotidiano, atribuiu à literatura a natureza liberadora de que fala Hans Robert Jauss³⁸, sendo essa sua função social:

A função social da literatura só se manifesta em sua genuína possibilidade ali onde a experiência literária do leitor se introduz no horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-forma sua compreensão do mundo e, com isso, repercute também em suas formas de comportamento social.

Ou, como resume Regina Zilberman³⁹,

“A literatura realiza seu papel social porque propicia um tipo de leitura que produz uma ruptura no interior das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão do mundo. (...) Assim sendo, o único temor que a leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhem com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformem ao já existente. É preciso lembrar que os leitores aqui mencionados entenderam seu adentramento no ambiente dos livros como opção pela liberdade, a ponto de entendê-lo enquanto relação amorosa.”

A leitura é consequência de um anseio de saber, e não causadora dele. Vemos isso acontecer na experiência relatada por Daniel Pennac no ensaio *Como um romance*, com o sugestivo título de “Dar a ler”. Professor de francês de uma turma de 35 adolescentes que “se fizeram despachar dos liceus do centro da cidade porque seus boletins não prometiam nada parecido com vestibular”, Pennac driblou a declarada aversão de seus alunos pelos livros se transformando em um contador de histórias – a cada aula lia para eles. Sua única exigência: que o escutassem. Começou com o romance *O perfume*, de Patrick Süskind, sucesso de vendas lá e cá. Narrou também *Cem anos de solidão*, *Crônica de uma morte anunciada*, *O visconde partido ao meio*, *O médico e o monstro*, *O retrato de Dorian Grey*... Ítalo Calvino, Gabriel García Márquez, Dostoiévski Jorge Amado, Stevenson. Nenhum de seus alunos “esperou que o professor terminasse qualquer de seus livros para terminá-los antes dele. Para que deixar para a próxima semana um prazer que se pode ter numa noite?”⁴⁰.

³⁸ Citado por Regina Zilberman em *Fim dos livros, fim dos leitores?*, p. 55.

³⁹ ZILBERMAN, *ibidem*, p. 54.

⁴⁰ PENNAC, *op. cit.*, p. 111.

A sedução de Sherazade: a reconciliação com a escrita através da fruição de histórias narradas pelo professor que “não é, aqui, mais do que uma casamenteira; quando é chegada a hora, é bom que ele saia de cena na ponta dos pés”⁴¹ e deixe no palco apenas os dois agentes dessa intimidade paradoxal: o autor e seu leitor.

Ao saciar a “ânsia por narrativas de seus alunos”, Pennac os reaproximou do princípio básico de todo livro: o de contar, antes de tudo, uma história. Dessa forma, como ouvintes encantados, sua aproximação dos textos do ‘programa’ fluiu naturalmente, o enigma impenetrável foi solucionado com as novas ferramentas adquiridas lúdica e prazerosamente, e a “compreensão do texto” extrapolou a simples ‘análise de texto’ para alcançar a reflexão crítica.

A questão que se impõe é que leitor não é só fruto da escolaridade, nem de métodos mágicos. Ele *se* forma a partir da sua vivência enquanto leitor, sua interação com diversos discursos, não só textuais como sociais.

Porém, sabemos todos, o livro e seus conteúdos de memória da cultura não garantem a plena inserção social dos homens. A informação serve pouco a quem não sabe usá-la. A capacidade de usar a informação se configura em SABER, e este não advém unilateralmente do livro, da voz de seu autor, do ponto de vista do escritor, mas da habilidade particular do receptor em juntar informações, refletir sobre elas, compará-las, ajuizá-las e decidir sobre elas, concluindo de forma pessoal sobre o escrito. A isto, creio, chamamos leitura.⁴²

⁴¹ Idem, *ibidem.*, p. 115.

⁴² Eliana Yunes, *A promoção do livro e da leitura no Brasil*, 1994.